

ESCRITOS SOBRE A REPRODUÇÃO: UM BREVE MOMENTO DE REFLEXÃO

Ana Maria Teixeira, Andrade | anamariaprece@gmail.com

Luiz Botelho Albuquerque | luizbotelho@uol.com.br

RESUMO: Resistir é a palavra de ordem em dias tão difíceis. Apesar de tanto retrocesso, precisamos continuar firmes em nossa jornada de educadoras/es. Meu objetivo principal foi ler e discutir sobre a educação reprodutora em nossa sociedade brasileira a partir da minha experiência de educadora e das leituras teóricas realizadas na disciplina de didática do ensino superior no curso de doutorado em educação da Universidade Federal do Ceará, somada a minha indignação com o descaso com que os gestores públicos têm tratado a educação brasileira. Ainda entender que vale a pena se organizar e lutar por uma mudança e transformação social. Também esboçar uma análise sobre a situação da educação no Brasil. Essas considerações foram levantadas a partir das discussões em sala de aula e de meu caderno de notas de aula e dos textos teóricos lidos e discutidos nesse período. Essa análise me levou a pensar no sonho da mudança a partir de um ensino que parta de uma prática social. A partir da análise, vi que o problema da educação brasileira até os dias atuais, na escola formal, têm sido pouco eficientes. Somando a isso, pude entender mais a situação difícil pela qual passa o professor. Por fim, percebo que as práticas docentes, mesmo depois de muito se falar em ensino renovado, novo, continuam do mesmo jeito.

Palavras-chave: Educação. História de Vida. Prática social

INTRODUÇÃO

Com esse trabalho, desejo mostrar o quanto que ainda há de práticas reprodutoras em nossa escola. Esse estudo mostra que o verdadeiro ato de ensinar o outro um conhecimento ou mediar o acesso desse outro ao conhecimento, ultrapassa os meros objetivos de obter bons resultados em provas de seleções. Mostra que o ensino contextualizado e fincado nas bases de uma educação que ensine a pensar de forma crítica e mais consciente, emancipa e liberta seus agentes da pobreza de espírito, fazendo-os serem mais potentes.

Mostrarei alguns conceitos de Freire, Savianni e Vigotsky acerca de suas concepções pedagógicas de mediação, além de outras visões que beberam nessas mesmas fontes, incluindo quem aqui vos fala. Além disso, apresento algumas reflexões sobre a problemática da concepção de educação tradicional e reprodutora que há tempos continua imperando em nosso sistema de ensino público brasileiro. Ademais, falo ainda, de modo indignado, sobre a desvalorização do professor e falta de mudanças verdadeiras em nossa educação.

REFLEXÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA DA REPRODUÇÃO NA DOCÊNCIA ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Dermeval Saviani, em sua *Pedagogia Histórico Crítica* diz que “*A Reprodução* explicita o tipo de violência simbólica que caracteriza o sistema de ensino no exercício de seu papel de reprodução da cultura arbitrária dos grupos ou classes dominantes”. (2003, p.133). Esse trabalho de Bourdieu e Passeron, assim como outros, no entender de Saviani, nasce da tentativa de explicar o porquê do fracasso da Revolução Cultural em 1968 a qual pensava que a cultura teria força para mudar a sociedade, sendo que de acordo com as teorias da reprodução, ocorre o contrário, “a sociedade é que determina a cultura”. Sendo assim, vejo no Brasil, as classes dominantes (a grande burguesia, os partidos políticos – governos-, a grande mídia) deterem o poder de domínio total e arbitrário em nossa sociedade. Nem existem revoluções, essas até em nosso passado, foram poucas e outras foram inventadas pela então classe dominante da qual descende a atual. Na verdade, o nosso sistema de ensino é reprodutor e carrega de forma brutal uma tremenda “violência simbólica”, o porquê dessa minha afirmação? Direi à frente.

O exercício da docência na sociedade brasileira, atualmente, conjuga muitos desafios impostos pela situação da maioria da população brasileira, no tocante a educação escolar e acadêmica que ocorre das bases à educação superior. Temos discutido em sala de aula que as práticas de ensino, mesmo depois de muito se falar em ensino renovado, novo, continuam do mesmo jeito: professor cumprindo “tabela”, horários e jornadas que se repetem sem uma reflexão crítica dos sujeitos dessa ação social, no sentido da tomada de consciência para o empreendimento da luta engajada por uma transformação. Transformação essa que assinalará a saída do corriqueiro, da rotina, pensando-se em algo que impacte a cabeça do estudante e o faça ter um sonho e construir esse sonho junto com a escola.

Pensando agora a situação do professor por outro aspecto; em primeiro de tudo é mal pago e carrega sobre si muita responsabilidade, assumindo até, papéis díspares a sua formação profissional e põem sobre suas costas há séculos uma importante missão, a de educar e preparar a todos de nossa sociedade: o médico, o juiz, o político, o burguês, o padre, o delegado, e outros. Essa missão do mestre não é levada em conta quando se discute a valorização salarial, a melhoria das condições de trabalho e a diminuição da carga horária. Essa engloba mais de 50% da vida desse profissional ou senão, praticamente, toda a vida, levando em conta que a noite existe para dormirmos e repormos as energias despendidas por nosso corpo no período diurno. Esse professor durante a sua vida, na maioria dos casos, não foi devidamente preparado para o posto. Esse vem sendo arrastado por uma avalanche nomeada de desigualdade social que o coloca em várias situações de apuros durante toda a sua vida. A maioria desses mestres vem de famílias de baixa renda e da mesma escola, onde, na maioria dos casos, voltam para ensinar e este ciclo vem se repetindo.

Muito se tem indagado, de quem é a culpa? Penso que não chegaremos a uma resposta verdadeira, nunca, tudo foi tão relativo como em nossos dias. Precisa-se de uma análise crítica acerca do problema a partir do lugar de onde se fala. Quando na lei de diretrizes e base da educação brasileira - LDB diz-se que a educação é um direito de todos e dever do estado, fica muito claro de quem deverá ser a iniciativa e a coordenação desse projeto de educação para o nosso país. Assim, vemos que o estado organiza e sistematiza todo o conhecimento por meio da seleção de conteúdos, formando assim um parâmetro curricular que considera satisfatório para a formação integral do cidadão brasileiro. Tudo fica amarrado em leis que, supostamente, garantem eficiência e eficácia no alcance dos objetivos finais desse artigo geral da LDB. Ademais, se não fosse os disparates que,

desde nossa consciência de mundo, vemos na realidade do comando desses gestores públicos que dirigem esse imenso Brasil essa lei seria de fato.

As políticas educacionais que compõem os diversos planos de governos se transformam em uma “geleia geral” que a cada mudança de partido ou de grupo, se coloca algo que deixe uma marca pessoal, que não representa o estado brasileiro. Esses dirigentes são, geralmente, vindos da antiga e remanescente elite agrária da segunda metade do séc. XIX que se transformaram em empresários e intelectuais urbanos e repetem as mesmas velhacarias de seus antepassados, comprando os pleitos eleitorais e conseguindo o pleno domínio da vida social e de nossa educação. Começam seu ciclo vicioso, destruindo tudo o que foi construído pelo governo anterior, pois mal começam, já visam o vindouro pleito das urnas para garantirem o continuísmo de seu grupo. Desse modo, não pensam naqueles professores, coordenadores, diretores que lutaram de forma engajada, em muitos casos, cheios de compromisso e boa vontade para melhorar a educação que eles sonham em transformar. Desses, retiro os que são postos no cargo com a única finalidade de transformar as escolas públicas em feudos eleitorais de partidos os quais já começam sua vindoura campanha quando assumem seu posto no primeiro dia letivo do calendário escolar.

Outro problema bastante desesperador é a falta de projetos interdisciplinares, pelo fato de sabermos que a educação está em todas as áreas do saber, da ciência na teoria e na prática, na cultura, nas artes, na religião, na espiritualidade, enfim, está em tudo o que circunda o mundo. Na perspectiva do pensamento complexo, Maria Cândida diz

Assim, entendemos que no processo de conhecer a realidade, atuamos, não apenas como seres disciplinares ou interdisciplinares, mas também transdisciplinares. Existe sempre um fluxo de energia, matéria e informação circulando entre dois polos, entre diferentes níveis de realidade, entre sujeito e objeto, educador e educando, entre indivíduo e natureza, sem que tenhamos consciência disto. Em relação ao saber, somos seres inter e transdisciplinares, não como circunstância aleatória, mas como exigência intrínseca e operacional de nossa condição humana. [...] (MORAES, 2014, p. 33).

A educação, o conhecimento não deve ser compartimentado e sim ser apresentado assim como é a vida. Está na vida de todo ser humano; do homem analfabeto ao culto, é possível haver educação. Dessa forma, esse princípio da onipresença do fenômeno educação não é bem utilizado na orientação do percurso educacional dado pelos chefetes de partidos políticos no comando da educação. Esse esquecimento gera um ambiente desconectado, esfacelado, dividido onde todas as instâncias operam em ilhas sem mirarem o arquipélago. Esse modo de operar na gestão pública

produz e reproduz o bandido, o drogado, o mendigo, o menino e a menina de rua, a adolescente de rua grávida, mais crianças na rua, mais lixo para entupir os esgotos e provocar alagamentos na cidade que gerará mais mosquitos e mais doenças. Ainda haverá mais políticos corruptos, mais pessoas consumindo o dinheiro que usurparam do trabalhador no caso dos patrões da grande empresa, e mais pobres consumindo o que não podem e se endividando, mais, mais, mais....Esse modelo de currículo e metodologia tradicional, repetitivo e conservador tem favorecido a todo tipo de alienação que fragiliza a pessoa, tornando-a fácil de ser dominada sob todos os aspectos e situações. Esse projeto não transforma, não ensina a pensar criticamente na complexidade que é a sociedade atual e está fora da realidade de cada espaço onde atua. Assim, infiro que o pensar complexo é uma necessidade “operacional de nossa condição humana”

Essa ausência de projetos interdisciplinares e transdisciplinares nas várias esferas da vida política e social faz com que as secretarias de educação, as escolas e universidades sejam pouco produtivas, permanecendo em estado de letargia social, em eternas lamentações que enfadaram aos seus agentes. Essa postura tem ajudado pouco no cultivo do senso de indignação, resistência e luta por transformação. Precisamos fazer a nossa parte, nos posicionando de forma crítica e reflexiva, procurando entender ao máximo o nosso campo e sair de nossa zona de conforto quantas vezes for preciso e movidos por princípios que regem essa causa em cada um de nós de que tudo que eu faço atinge a toda a terra. De que eu sou o outro e de que quando luto por um mundo melhor, posso ter uma vida melhor em cada micro campo onde vivo. Esse micro campo sofre todas as consequências de outros campos e do planeta que é a nossa casa na galáxia. Penso que se despreza a participação da comunidade escolar por meio dos conselhos escolares, estância importante para conscientização de pais e líderes comunitários quanto ao papel de cada um no processo de ensino aprendizagem.

Contudo, toda moeda tem duas faces, o método tradicional não é de todo desprezível, o que produz de bom para a sociedade deve ser conservado. Vivemos um esfacelamento de valores sociais importantes para a formação da pessoa humana que são postos no absoleto ou até mesmo aniquilados pela onda da novidade, do inovador, do atual, do diferente, ensinados por grupos descompromissados socialmente, sem uma visão histórica do processo educacional brasileiro. Grupos que, muitas vezes, avançam por meio da mídia que está a serviço do modo de produção capitalista. Hoje, mas do que antes, precisamos nos perguntar sempre: o que deve permanecer e o que deve mudar? E o por que mudar? E por que conservar? Compreendo que mudamos aquilo que não ajuda as pessoas a viverem com dignidade e conviverem bem umas com as outras e com o

planeta. Sobre métodos, imagino que se deve mudar para metodologias que preparam o indivíduo para viver melhor, cuidando do outro e do seu ambiente e sendo cuidado.

A imagem que me vem à cabeça sobre práticas reprodutoras *versus* práticas transformadoras, extraio de uma breve história de agricultor: o agricultor que não conhece verdadeiramente a ciência que está por trás da formação do solo para o cultivo, continua preparando a terra para se plantar do mesmo jeito que sempre fez. Ele, todo ano, derruba as árvores, estoca e faz a queimada do que resta das plantas, ai fica tudo desolado e morto. Muitos nutrientes desaparecem, fica um ambiente devastado e isso tem drásticas consequências. Quando um filho desse mesmo agricultor chega à universidade e faz o curso de agronomia e volta para ajudar seu pai, há um conflito entre ambos e o processo de conscientização é lento e precisa de muita paciência para ver a transformação da situação devastadora que logo entrará em colapso. Essa é uma analogia a se aplicar ao processo de ensino tradicional que queima os neurônios e a inteligência cognitiva, emocional e social dos estudantes, produzindo pessoas, em grande maioria, passivas, silenciadas, apáticas, letárgicas e desanimadas que facilmente desistem de seus sonhos e se entregam ao projeto do dominador em suas diversas representações, quando não desistem da vida de estudo e formação, não gerando nenhum fruto ou resultado.

ESBOÇOS SOBRE A MEDIAÇÃO DO SABER EM SALA DE AULA

O princípio de mediação em sala de aula deve ser assumido com muita auto clareza de propósito. Penso que para ser um professor mediador, primeiro de tudo, ele deve sentir-se um mediador, assumir-se como mediador, olhar para si e perceber-se capaz de mediar como pacificador em todos os momentos da prática docente, tantos os conflitos externos quanto aos conflitos cognitivos que muitas vezes se referem à aquisição de conteúdos ou por razões mais profundas quanto às escolhas desses discentes. Significa ser intermediário entre determinada prática social e o estudante. Para ser um mediador, é preciso certas competências cruciais que, para tanto, dentre várias, a pacificidade, organização, clareza, ser capaz de estabelecer uma comunicação entre si e o outro de uma maneira pacífica, fluída, amena, imparcial e agradável, mesmo que se trate de momento conflituoso, algo a todo instante presente na prática docente escolar ou universitária. A partir dessa ideia, temos, não a relação vertical professor–aluno do modelo tradicional, mas uma relação o máximo de horizontal possível. Ao meu ver, a nomeação mais adequada deveria ser a de professor-mediador, ou talvez, melhor ainda, educador - mediador.

No processo de mediação da aprendizagem, alguns elementos do ensino estão envolvidos, uns mais fortemente, outros menos, mas, no meu modo de ver, a mediação estará em todo o

processo da docência. Mais fortemente, pela ordem de importância, destaco a questão da formação de professores, depois a seleção de conteúdos contextualizados, seguido pela metodologia e a relação professor aluno, que traz a discussão do valor da afetividade na mediação, dentre outras por mim não lembradas aqui.

Meu entendimento se baseia nas concepções a seguir as quais são o meu suporte. Para início destaco o estudo de Lígia Márcia Martins que fala sobre a importância da atividade psíquica do pensamento que se opera a partir da atividade prática até se afirmar na atividade teórica, levando, portanto a conclusão de “que o pensamento se desenvolve a partir da atividade prática” e que esse “nunca deixará de ser a mediação central da prática social.” Segue a discussão e, posteriormente, a autora falará sobre o valor da afetividade na aquisição de conhecimentos e essa questão está, de modo exponencial, na mediação e junto com a racionalização compõe-se o psiquismo humano. (MARTINS, 2011, p. 49-50).

Para Vygotsky

“a mediação era vista [...] sob os aspectos: **signo**, **palavra** e **símbolo**. As contribuições dos autores M. Cole, J. Wertsch e Bruner conferem uma determinação mais ampla ou restrita, conforme o ponto de vista. Nas Perspectivas de Vygotsky e Léntiev, os conceitos de ‘meios mediacionais’ e de ‘ação mediada’ são essenciais para compreender o verdadeiro significado ou processo da aprendizagem”. (MARTINS; MOSER, 2012, p. 11)

Vejo que a mediação é o verdadeiro ato de educar, de transformar a vida do estudante para melhor e de, como mediador, também ser transformado a cada ação, porque a educação é uma via de mão dupla, a mão que dá é também a que recebe, trata-se, portanto de uma dialogia do conhecimento, de uma troca saudável por meio da superação da contradição do ensino tradicional e reprodutor. Com isso, talvez muita coisa que não tem dado certo tivesse uma chance de conserto. De acordo com esse conceito, seria inconcebível haver aprendizagem sem “meios mediacionais”, sem ações mediadas.

Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* (2011), diz que o ato de educar não ocorre sem uma tomada de consciência de si e do mundo em que se vive, em uma educação dialógica em que educador e educando superam a contradição da ausência de diálogo tão presente na educação tradicional e passam a ter uma relação abundante de diálogo. Ele destaca que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. A concepção de educação freireana dos temas geradores é importante por apresentar uma perspectiva inclusiva e heterogênea que contempla as diferenças. Uma mediação do saber que parte da prática

social – podemos chamar de praxiologia freireana. O educador é o mediador entre o educando e o mundo. Além disso, ele mostra um ensino congregado com a pesquisa, com possibilidades de uso de várias metodologias ativas onde o estudante é um parceiro do professor pelo diálogo. (FREIRE, 2011, p. 95, 110, 143-156).

SAVIANI (2008) preconiza um método de ensino onde a medição está presente na relação entre educação e sociedade. Trata-se de se ter uma educação contextualizada pensada de uma maneira interdisciplinar. Sua proposta de forma sistemática, é descrita em 5(cinco) passos que resumidos são: 1) o ponto de partida seria da prática social; 2) a Identificação dos principais problemas postos pela prática social - uma problematização, 3) a instrumentalização, segundo a qual o autor fala que “não ‘é posta’ no sentido tecnicista; 4) a *Catarse* que Saviani a concebe na acepção gramsciana; por último, 5) o ponto de chegada que é a própria prática social. Nesse momento os alunos expressam uma compreensão da prática tal qual o professor. Com isso, compreende-se que “a educação é uma atividade que supõe uma heterogeneidade real e uma homogeneidade possível; uma desigualdade no ponto de partida e uma igualdade no ponto de chegada.” (SAVIANI, 2008, p. 57-58). A partir dessas ideias, é que apresentamos uma experiência que parte de uma prática social e, percebo, se aproxima, mesmo que empiricamente, desses mesmos pressupostos.

Essa prática social leva consigo também o conceito de mediação, trata-se da experiência educacional do programa social de Educação em Células Cooperativas no âmbito da educação não - formal que se iniciou com o incentivo de um professor universitário Manoel Andrade neto e do protagonismo de um estudante do ensino médio Francisco Antonio Alves Rodrigues. Esse programa obteve muitos resultados positivos ao longo de seus 23 anos, porém ultimamente, ele está arrefecendo de suas lutas devido a muitas dificuldades que foram surgindo ao longo desse tempo. Dentre outros, os problemas foram de ordem financeira, política e de falta de liderança comprometidas com suas comunidades. Devido o PRECE, desde seu início, ter um caráter filantrópico movido pela força do voluntariado estudantil de nível secundário e universitário, vivemos uma escassez de liderança voluntária. As dificuldades dentro do processo de mediação da aprendizagem, inicialmente eram poucas, na decadência da ideia inicial, elas ficaram maiores que seus agentes.

A Aprendizagem Cooperativa, modelo pedagógico, despretensiosamente, utilizado não com muito rigor pelo PRECE, apesar dos êxitos nas aplicações em sala de aula formal, há ainda muita resistência por parte de professores e gestores, talvez por desconhecimento ou por entraves do

sistema de ensino para viabilizar formações de forma satisfatória aos agentes que dela fazem parte. A questão de espaço físico amplo e cadeiras móveis para a montagem dos grupos de estudantes protagonistas que usam as técnicas de cooperativismo na aprendizagem sempre é um problema, dentre outros. Apesar dos problemas mais recentes, a maior facilidade do PRECE, em sua fase fecunda, do início em 1994 até por volta de 2015, residia em os atores, os professores verem o estudante a partir de altas expectativas, como um ser muito próximo do passo 5 (cinco) da teorização de Dermeval Saviani – o ponto de chegada (a prática social). Os estudantes chegavam muito abertos a esse processo para alcançarem metas claras, na esfera do individual e do coletivo, numa interdependência social muito importante para o crescimento de todo o grupo.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A partir desse breve estudo introdutório do problema da educação brasileira da década em estudo até os dias atuais, percebi que as mudanças na escola formal têm sido pouco eficientes e que o exercício da docência, atualmente, conjuga muitos desafios no tocante à educação escolar e acadêmica. Com esse estudo pude entender mais a situação do professor.

Nessa reflexão, percebo que as práticas docentes, mesmo depois de muito se falar em ensino renovado, novo, continuam do mesmo jeito: professor cumprindo currículos impostos e fora da realidade dos estudantes, presos a horários e jornadas que se repetem sem uma reflexão crítica dos agentes quanto ao objeto de estudo por eles apresentados aos seus discentes.

Estou certa de que a resistência e a superação se fazem necessárias. Mais que antes, essa tomada de consciência é urgente. É necessário o enfrentamento de cada realidade escolar, seja no âmbito formal ou informal da prática docente; na instituição escola, na associação, na cooperativa, no assentamento e na comunidade, de modo geral. Esse trabalho me fez refletir sobre o valor da mediação de um professor revolucionário e comprometido com a transformação e libertação de seus estudantes o qual vá além de capacitar jovens para vestibulares, mas que possa intervir em situações limites a partir de práticas sociais e metodologias participativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª. Ed. ver. E atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. In: **Pedagogia Histórico-Crítica: 30 anos**. Ana Carolina Galvão Marsiglia (org.). - Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Memória da Educação)

MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. **Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch.** Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/245/154> Acesso: 19 jul. 2017.

MORAES, Maria Cândida. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea)

_____. **Pedagogia histórico- crítica: primeiras aproximações** -Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003. – (Coleção educação contemporânea)

SÁ, Carmem Sílvia da Silva; SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. **Carência de professores de química: faltam curso, salário ou identidade de curso?** Acesso: Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1507p.pdf Acesso: 19 jul 2017